

O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil

Maria Cristina Leandro FERREIRA
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Um breve preâmbulo

O discurso foi sempre para Michel Pêcheux o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica”.¹

E todos nós que nos interessamos pelas questões discursivas e que, por alguma razão, somos tocados por elas, somos instigados a nos aventurar por esse caminho, nunca plano, nem acabado, mas, ao contrário, sempre tortuoso e deslizando, um verdadeiro “processo sem início nem fim” (parafrazeando Althusser, mais uma vez).²

Michel Pêcheux, como se sabe, dá início à Análise do Discurso na França, como seu principal articulador, em fins da década de 60, época que coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa.

No centro desse novo paradigma, situa-se o estruturalismo lingüístico a servir como norte e inspiração. Afinal, a Lingüística em seu papel de ciência-piloto das ciências humanas tinha condições de fornecer aos aficionados da nova corrente as ferramentas essenciais para análise da língua, enquanto estrutura formal, submetida ao rigor do método e aos ditames da ciência, tão valorizada na época.

Ao longo do percurso triunfal dos estruturalistas, que marcou de forma indelével os anos 50 e 60, houve sempre uma constante: a deliberada *exclusão do sujeito*. Esse foi o

preço a pagar pelos defensores do paradigma estrutural para a ruptura com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. Importava normalizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada. Esse era o panorama existente na França até 1967, época em que o estruturalismo viveu seu apogeu, ainda que já desse mostras de certas fissuras internas.

O movimento de maio de 68 e as novas interrogações que surgiram de súbito no âmbito das ciências humanas foram decisivos para subverter o paradigma então reinante, trazendo como consequência o sujeito para o centro do novo cenário, permitindo-lhe, como afirma François Dosse (1993), em sua “História do Estruturalismo”, *reaparecer pela janela, após ter sido expulso pela porta*. (p.65).

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo lingüístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a lingüística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época.

A Análise de Discurso que tem como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada *Análise Automática do Discurso*(AAD), bem como o lançamento da importante revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, vai à busca desse sujeito, até então descartado. E vai encontrá-lo, em parte, na psicanálise, apresentado como um sujeito descentrado, afetado pela ferida narcísica, distante do sujeito consciente, que se pensa livre e dono de si. A outra parte desse sujeito desejante, sujeito do inconsciente, a AD vai encontrar no materialismo histórico, na ideologia althusseriana, o sujeito assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia. A esse respeito, afirma Paul Henry (1992):

O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação. (p.188)

O sujeito do discurso vai, então, colocar-se estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. Como se vê, a Análise do Discurso ao construir a categoria teórica do sujeito o faz, desde o início, pautando-se por uma singularidade que a torna muito peculiar. O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-laciano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade lingüística e histórica que a AD lhe atribui.

A Análise do Discurso, sempre é bom frisar, soube dar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem; bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua

origem. A linguagem pela ótica discursiva ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido e vai distinguir-se também da condição que lhe confere a psicanálise.

O fato de trabalhar perigosamente na fronteira entre certas áreas, não raro traz problemas de distorções e confusões de toda ordem, ao provocar aproximações entre conceitos inconciliáveis, já que produzidos sob enfoques epistemologicamente distintos.

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de *ruptura* a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Fica claro, desse modo, que a AD não se quer, como afirma Robin (1985), “nem disciplina autônoma, nem disciplina auxiliar”. O que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um *objeto-fronteira*, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade lingüística e de uma materialidade histórica, simultaneamente. A AD recorta, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da lingüística imanente, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento para a explicação de textos.

Nem por isso, parece apropriado atribuir à Análise do Discurso uma designação de disciplina interdisciplinar, como alguns teóricos insistem em fazer. Fazer isso, seria cair na tentação de encará-la como disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria. E isso definitivamente ela não é. Além do mais, essa é uma ótica reducionista, que elide sua principal característica de ser uma teoria crítica da linguagem.

Orlandi (1996), a esse respeito, imputa à AD a condição de *disciplina de entremeio*, uma vez que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela opera um profundo deslocamento de terreno.

Nesse sentido, é importante reiterar que os conceitos que a AD traz de outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a lingüística e o materialismo histórico, ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de ser aquelas noções com os sentidos estritos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva.

O quadro teórico-epistemológico da AD, como se viu, é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram. A cada atividade de análise se põe em questão a natureza de certos conceitos e se redefinem seus limites. Isto não impede que a Análise de Discurso se singularize enquanto forma de conhecimento sobre a linguagem e se distinga das demais áreas por seu aparato teórico, seu método de análise e sua práxis. Sendo assim, ela vai construir seu objeto teórico e estabelecer seus procedimentos analíticos na interface com as demais áreas vizinhas.

De volta ao começo

De sua data fundacional (1969) até hoje, a Análise de Discurso Francesa, de Michel Pêcheux e seus seguidores, já completou 35 anos. Isto é pouco para a consolidação de qualquer área de conhecimento e é pouco também para essa ‘disciplina de entremeio’. Com o desaparecimento de seu principal pensador, em 1983, houve um natural esvaziamento do grupo de pesquisa, liderado por ele, a tal ponto que, hoje, na França, não se ouve mais falar em Pêcheux. Seu nome, suas obras, sua inquietante reflexão

foram deixados de lado, até mesmo por aqueles que se dizem ‘analistas de discurso’ na França. A morte do pai foi consumada. Apesar disso, ainda hoje se ouve falar muito o nome de Pêcheux. Onde? Aqui entre nós, na América Latina, mas sobretudo no Brasil. Para aqueles que já tiveram a oportunidade de percorrer os intrincados caminhos da análise do discurso está bem presente a marca que essa experiência deixa no modo pensar as questões relacionadas à linguagem, ao mundo, ao sujeito. É difícil ficar imune a esse caminhar.

Aqui no Brasil o grande tributo que se deve prestar pela consolidação e difusão da área é a Eni Orlandi, que em seu trabalho como professora, orientadora, pesquisadora e autora fez da análise do discurso um lugar de referência consagrado no quadro acadêmico institucional.

As razões que fizeram surgir a Análise de Discurso na França, no final da década de 60, são diferentes das razões que a fizeram proliferar entre nós, no final da década de 70. Na França o quadro da conjuntura política da época contrapunha a Análise do Discurso à tendência dominante nas ciências sociais – o conteudismo, a análise de conteúdo – como também à entrada com força da corrente formalista-logicista, graças ao prestígio, entre outros, de lingüistas como Chomsky. No Brasil, desde o início, o embate se deu com a Lingüística, sendo a Análise do Discurso acusada de não dar importância à língua, fixando-se exclusivamente no político. Por essa trilha, surgem os epítetos de ‘análise do discurso radical ou ortodoxa’ atribuídos à Análise do Discurso concebida por Michel Pêcheux.

De início essa linha demarcatória entre a Análise do Discurso e Lingüística serviu como referência para distinguir a ‘análise de discurso européia’ da ‘análise de discurso americana’. Na primeira, se dava um deslocamento teórico mais complexo, caracterizando a ruptura e a crise com a lingüística; na segunda, estava-se frente a uma ampliação do escopo, passando da frase ao texto, sem entrar em conflito teórico com a disciplina vizinha. Independente dessa relação com a Lingüística ser mais ou menos conflituosa, ficou cada vez mais claro, no decurso da teoria entre nós, que a Análise do Discurso, não pretende ser uma “Lingüística Discursiva”, abrigada, portanto, no mesmo guarda-chuva teórico. Há pontos de contato, sim, há compatibilidade em certos lugares, mas há, sobretudo, diferenças. Talvez seja o caso de aqui fazermos também uso da expressão “estranha familiaridade”³ para descrevermos a tensão existente nesses limites.

Tentando uma definição

Importa ressaltar, de fato, que a Análise de Discurso não trabalha com a língua da Lingüística, a língua da transparência, da autonomia, da imanência. A língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência. Por esses traços que são próprios da língua e também dos principais conceitos da análise do discurso, é que serve tão bem a figuração da fita de moebius, como representação topológica do que se passa nos meandros da teoria do discurso.

Surgida no campo da filosofia e das ciências humanas, a Análise de Discurso trouxe sempre bem marcado o traço da ruptura, que tem a ver com sua entrada no quadro epistemológico das ciências sociais e com a forma de intervenção política que

representou sua criação. Com o corte saussuriano de língua/fala para língua/discurso houve uma mudança definitiva de terreno da língua e de seu estatuto no viés discursivo. Assim se deu a ruptura com a lingüística, como já havia se dado com as ciências sociais, consideradas, então, ciências positivistas que tratavam a língua e os sujeito enquanto noções estáveis, homogêneas, centradas.

Pêcheux, pelo que se sabe, foi um atento leitor de Saussure e disso dá comprovação suficiente sua obra. “*Uma leitura informada, inteligente e pessoal, que faz realmente operar as noções saussurianas*”, como testemunham seus colegas de então (Gadet & Hak, 1990, p.41). É bem conhecido dos analistas de discurso o deslocamento operado na passagem do conceito saussuriano de *função* para *funcionamento das línguas*, ultrapassando, assim, os limites estritos do lingüístico e permitindo a descrição da materialidade específica da língua. Além disso, para a concepção discursiva de língua, a noção de sistema foi decisiva, ao contribuir para desvincular a reflexão sobre a linguagem das evidências empíricas e afastá-la da influência dominante do sujeito psicológico.

Do mesmo modo que constituem uma ruptura, as fronteiras da Análise do Discurso não apontam para o fechamento, abrindo sempre um espaço para a alteridade, para a diferença, para o novo. As análises não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação, da mesma forma que os conceitos-chave da teoria estão sempre se movimentando, reordenando, reconfigurando, a cada análise. E isso se deve à marca da incompletude. A incompletude caracteriza e distingue todo o dispositivo teórico do discurso e abre espaço para a entrada em cena da noção da falta, que é motor do sujeito e é lugar do impossível da língua, lugar onde as palavras ‘faltam’ e, ao faltarem, abrem brecha para produzir equívocos. O fato lingüístico do equívoco não é algo casual, fortuito, acidental, mas é constitutivo da língua, é inerente ao sistema. Isto significa que a língua é um sistema passível de falhas e por essas falhas, por essas brechas, os sentidos se permitem deslizar, ficar à deriva.

O que distingue e identifica a Análise do Discurso é sua forma peculiar de trabalhar com a linguagem numa relação estreita indissociável com a ideologia. Por aqui começa a confusão, o mal-estar, já que a ideologia representa para muitos uma questão anacrônica, eivada de um ranço marxista ultrapassado. A insistência em falar num ‘sujeito interpelado pela ideologia’, sujeito assujeitado à moda althusseriana, deixa a Análise de Discurso Francesa de Michel Pêcheux numa condição de isolamento entre as demais análises de discurso. A noção de assujeitamento se presta, por vezes, a certas confusões. Assujeitar-se é condição indispensável para ser sujeito. Ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos.

Na teoria do discurso, abandona-se a categoria do sujeito empírico, do indivíduo, e trabalha-se com um sujeito dividido, com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito em determinadas condições circunscritas pelas formações discursivas. Nem a hipertrofia do sujeito cheio de vontades e intenções, nem o total assujeitamento e a determinação de mão única. O sujeito assim como é afetado pela formação discursiva onde se inscreve, também a afeta e determina em seu dizer. O efeito-sujeito seria o resultante desse processo de assujeitamento produzido pelo sujeito em sua movimentação dentro de uma formação discursiva.

O real do sujeito seria o inconsciente, aquilo que mais de perto diz do sujeito, o que lhe é próprio. O que o move seria o desejo, a busca da completude, a tentativa

incessante de fechar os furos em nossa estrutura psíquica. Esse inconsciente é o mesmo que aparece na língua quando nela tropeçamos, ao cometermos lapsos, atos falhos ou produzirmos chistes. O inconsciente, como diz Lacan, está constituído pela linguagem.

Mas o sujeito da análise do discurso não é só o do inconsciente; é também, como vimos, o da ideologia, ambos são revestidos pela linguagem e nela se materializam. Essa é uma particularidade que assegura ao campo discursivo tratar de uma dupla determinação do sujeito – de ordem da interioridade (o inconsciente) e da exterioridade (a ideologia). Essa relação conjuntiva entre desejo e poder é que torna tão especial e complexo esse campo teórico.

A Análise do Discurso, ao construir seus objetos discursivos, procura trabalhá-los, segundo orientação de Pêcheux, sob uma tríplice tensão, entre (1) a historicidade, (2) a interdiscursividade e (3) (de novo Saussure) a sistematicidade da língua. E isso é o que melhor resumiria uma tentativa de definição do seu campo.

O campo da Análise do Discurso vai ser determinado, então, predominantemente pelos *espaços discursivos das transformações do sentido*, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, *de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações*. (Pêcheux, 1990, p.51)

A metáfora da rede

Quien escribe teje. Texto proviene del latín ‘textum’, que significa tejido. Com hilos de palabras vamos diciendo, com hilos de tiempo vamos viviendo. Los textos son, como nosotros, tejidos que andan... (Eduardo Galeano)

Já se tornou lugar comum usar a expressão ‘tecido discursivo’ ou ‘tessitura’ para falar-se de discurso. É constante também referirem-se os nós, os fios que se cruzam, se rompem, abrem furos. Por que será que essa preferência por uma metáfora da rede serve tão bem ao objeto discursivo?

Penso que para responder a isso é preciso acionar a noção de **sistema**. Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável. Temos aí a noção de real da língua, como o lugar do impossível que se faz possível pela língua. O não-sistematizado, o não simbolizado, o impossível da língua, aquilo que falta e que resiste a ser representado. A língua como o todo que comporta em si o não-todo.

O sistema discursivo apresenta os traços comuns atribuídos ao termo pelo estruturalismo, como organização, arranjo, solidariedade e regularidade. É pertinente, por isso mesmo, lembrar a figura do jogo de xadrez associada à concepção de sistema e de estrutura, onde uma peça do jogo só valeria integrada no conjunto das demais

peças. A noção de valor saussuriano, como se vê, continua indispensável e fundamental para se compreender o funcionamento desse outro sistema – o discursivo.

Tal sistema traz, porém, algumas especificidades absolutamente singulares, que o distinguem sobremodo da aceção corrente e o situam como um novo patamar nas pesquisas lingüísticas. Tais particularidades têm a ver, sobretudo, com o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Sendo assim, diríamos que o *fechamento se daria como um efeito e a homogeneidade como uma ilusão*.

Disto decorrem implicações profundas para a significação de outras noções que circulam nesse espaço discursivo, como (1) a materialidade (com sua natureza não apenas lingüística (mas também histórica), (2) a estabilidade (que não se encontra sempre logicamente estabilizada), (3) a ordem (como a contrapartida histórico-semântica densa da organização) e (4) o acontecimento (como a exterioridade que não está fora e que representa o lugar de ruptura com os sentidos estabelecidos). Poderíamos resumir, afirmando que *o sistema discursivo oscila numa tensão paradoxal entre a simetria e o equívoco, o que faz da estrutura que lhe é constitutiva um corpo atravessado de falhas, a exemplo da língua*.

Por esse espaço da não-totalidade é que vão ocorrer as transgressões tanto à língua, quanto ao discurso, ao sujeito e à história. Como já vimos, as transgressões da língua se dariam pelo equívoco, como pontos de deriva e lugar do impossível; as transgressões do discurso se dariam pela ruptura dos sentidos sedimentados e a conseqüente emergência de novos sentidos; as transgressões do sujeito se dariam pelo inconsciente e se manifestariam na língua, enquanto “tropeços” do sujeito; e as transgressões da história, se dariam pela contradição. Tais desdobramentos teóricos só se tornam possíveis, no entanto, ao considerarmos uma nova concepção de estrutura, da maneira como a análise do discurso de linha francesa/ brasileira trabalha. Esta nova concepção eleva e desloca a noção de estrutura a um novo paradigma no seio das ciências da linguagem.

De volta ao começo

Quando nos propusemos a traçar um breve quadro atual da análise do discurso no Brasil, sabíamos que retomariamos questões já bem conhecidas e discutidas no conjunto da teoria. As surpresas e diferenças encontradas no percurso se devem mais à formulação e ao enquadramento que tais questões receberam no presente artigo.

Hoje no Brasil a Análise do Discurso se descolou da Lingüística e ganhou maior entrada nas áreas-fronteiras das ciências humanas, como a História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise. O ‘perigo’ dessa maior circulação é ver alguns de seus conceitos banalizados e seu aparato teórico reduzido a ‘método de análise do discurso’. Como se fosse possível fragmentar dispositivo teórico e analítico como entidades independentes e autônomas. Na realidade, o que dá vigor e consistência às análises feitas pelo viés discursivo é precisamente a indissociabilidade entre a teoria e a prática.

Se de início a Análise do Discurso era identificada quase exclusivamente (sempre em tom de crítica pela lingüística) à análise de discursos políticos, hoje essa situação se alterou com a diversidade do leque de materiais que são objeto de interesse dos analistas de discurso brasileiros. Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves) e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso, equívocidade da língua), a Análise do Discurso no Brasil ou *Escola*

Brasileira de Análise de Discurso, como nos propõe Eni Orlandi (2002,p.37), amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas.

Da matriz francesa, ficou o legado de Michel Pêcheux, (“uma relação de nunca acabar”)⁴, o qual ganhou no Brasil desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção ainda hoje desse campo teórico com o prestígio que desfruta entre nós.

Notas

1. Cf. MALDIDIÉ, Denise (2003,p.15).
2. Cf. artigo de ALTHUSSER (1978,p.66-71) –Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)”.
3. Cf. artigo da autora publicado no Correio da APPOA,n.131,dez.2004, intitulado “Análise de Discurso
4. “Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar” foi o tema do I Seminário de Estudos em Análise de Discurso realizado em Porto Alegre, em 2003.

Bibliografia

- ALTHUSSER,L. Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)”. In: Posições –1. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- DOSSE,F. *História do estruturalismo* . São Paulo, Ensaio, Campinas, Ed.da Unicamp, 1993. 2 vols.
- FERREIRA, M.C. L. (2004). *Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade*. Correio da APPOA, n.131,dez.2004, p.37-51.
- GADET & HAK (1990). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da Unicamp.
- HENRY, P.(1992). *A ferramenta imperfeita*. Campinas, Ed.da Unicamp.
- MALDIDIÉ,D.(2003). *A inquietação do discurso - (Re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas, Pontes.
- ORLANDI,E.(1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes.
- PÊCHEUX,M.(1990). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.bras. por Eni Orlandi. Campinas, Pontes.